



Prática Reflexiva pelo Movimento: o 'corpo próprio' como fonte de aprendizado pessoal - prático

Reflective Movement Practice:
the one's own body as a source of personal-practical learning

Maria Luisa Inguaggiato

Introdução

A prática clínica e educacional como *terapeuta de orientação corporal*¹ incentivou-me a pesquisar o papel da experiência corporal no processo de aquisição do conhecimento conceitual. Há alguns anos, no meu trabalho de formação profissional com fisioterapeutas e psicomotricistas, venho desenvolvendo uma metodologia de trabalho corporal que envolve a exploração do *corpo próprio*² como fonte de reflexão sobre a prática clínica. Este artigo pretende explorar alguns eixos teóricos resultantes de estudos desenvolvidos durante meu processo de formação e pesquisa em *Dance Movement Therapy*³, que foram determinantes para a minha apropriação desta metodologia de trabalho.

No decorrer do texto optei por destacar em itálico e/ou manter na língua original alguns conceitos teóricos e nomes de abordagens corporais, que são contextualizadas através do uso de notas apresentadas no final do texto.

Este artigo tem como proposta apresentar a *Prática Reflexiva pelo Movimento*⁴ como uma forma de abordagem corporal que permite ao *terapeuta de orientação corporal* desenvolver um *conhecimento pessoal-prático* próprio através da experiência do movimento, facilitando, conseqüentemente, a reflexão sobre questões envolvidas com o tema da *corporeidade*, considerado de fundamental importância na formação do terapeuta de orientação corporal. Não pretendo apresentar resultados dessa pesquisa profissional, mas discutir alguns dos pressupostos teóricos que fundamentam essa prática. Acredito que esta discussão pode aprofundar algumas reflexões sobre a importância do trabalho pessoal corporal na formação do terapeuta de orientação corporal.

Definição de conceitos básicos explorados no texto:

O *conhecimento pessoal-prático* (Koren; 2003) é um termo usado para abranger a *desconstrução*⁵ de experiências profissionais através de reflexões sobre o pensamento prático (idéias, teorias, conceitos) e o conhecimento pessoal (valores e convicções) que estão implícitos nas ações dessas experiências clínicas. Acredito que valores, convicções e conceitos podem emergir e ser explorados através da experi-

ência própria do movimento corporal, como uma forma de conhecimento implícito em nossa ação clínica.

O termo *corporeidade* envolve as questões culturais e sociais implícitas em nossa maneira corporal de estar e se relacionar com os outros e o meio ao nosso redor. Penso que é importante para o terapeuta de orientação corporal estar consciente da sua *corporeidade própria* para a efetividade do seu trabalho terapêutico. Uma forma de facilitar o envolvimento do *corpo próprio* no processo de reflexão sobre a prática clínica é através da noção *embodiment*⁶. O termo *Embodiment* neste artigo deve ser entendido como a *corporificação* ou *apropriação* do *corpo próprio* através da experiência do movimento corporal. Esta noção é amplamente discutida na obra de Merleau-Ponty com a noção de *corpo vivido* ou *corpo fenomenal*. Esses conceitos serão discutidos nos pressupostos teóricos que fundamentam a *Prática Reflexiva pelo Movimento*.

1- Definição da Prática Reflexiva pelo Movimento

A *Prática Refletiva pelo Movimento* (PRM) é uma abordagem corporal caracterizada por uma investigação pessoal e reflexiva através da *experiência do movimento* baseada nos princípios da *Dance Movement Therapy* (esquematizados na figura 1). Esta figura apresenta como determinados conceitos da Prática Reflexiva pelo movimento atuam na utilização do movimento como forma de aprendizagem *pré-reflexiva*.

Este modelo de abordagem corporal enfoca o desenvolvimento profissional dos *terapeutas de orientação corporal*, através da investigação pessoal, com o objetivo de ampliar suas perspectivas sobre o tema da *corporeidade*. Esta abordagem proporciona a oportunidade de explorar a inteligência cinestésica e artística como forma de aprendizagem e a usar o *corpo próprio* como agente na reflexão dos valores pessoais e conceitos implicados na sua prática clínica.

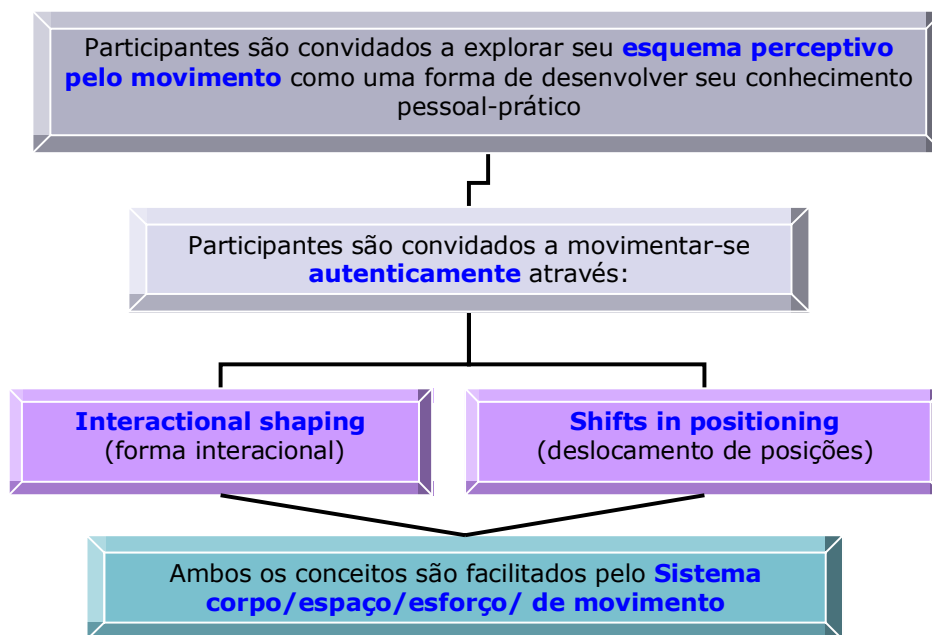


Figura 1: Mapeamento dos conceitos que informam a Prática Reflexiva pelo Movimento

A *experiência do movimento* refere-se ao uso de práticas corporais que enfatizam a expressão pessoal através da improvisação do movimento. A *experiência do movimento* permite a experimentação de novas formas de movimento, perceber as emoções, interagir consigo mesmo e com os outros e refletir em ação.

A Prática Reflexiva pelo Movimento valoriza o entrelaçamento entre a experiência sensorial e perceptiva do movimento e a sua reflexão intelectual, portanto as comunicações não-verbais e verbais são constantemente entrelaçadas nesta abordagem. Os participantes são convidados a criar significados ou representações simbólicas de suas experiências corporais, utilizando-se de outras linguagens como desenhos, pinturas, cartões-postais e argila.

2 – Pressupostos teóricos que informam a Prática Reflexiva pelo Movimento

A Prática Refletiva pelo Movimento apresenta três princípios básicos no seu funcionamento. Esses princípios são fundamentados por conceitos teóricos provenientes de diversas áreas de estudo, que são congruentes na medida em que proporcionam formas de facilitar o engajamento do terapeuta de orientação corporal na investigação e na aprendizagem a partir das próprias experiências corporais de movimentos.

O quadro abaixo apresenta os três princípios e os autores de referência dessa metodologia de trabalho.

- I. *Experiência de movimento como forma de aprendizagem pré-reflexiva*: princípio argumentado através de uma perspectiva fenomenológica utilizando conceitos e idéias de Morris, D. (2004) e Merleau-Ponty, M. (1962; 1964).
- II. *Experiência do movimento interno*. Princípio argumentado nos estudos de Bartenieff sobre o sistema corpo/espaco/esforço/ de análise do movimento e na disciplina *Authentic Movement* (Adler 1987; 2001, Chodorow 1984; 1995 e Whitehouse 1979; 1995).
- III. *Reflexão da experiência do movimento através do ensino prático reflexivo e do conhecimento presentational*: princípio argumentado pelos conceitos de *reflexão em e sobre a ação* de Schon, D. (1987; 1991) e por elementos da *Dance Movement Therapy* (Parker e Best 2006; Best 2000, 2001, 2002).

I - Experiência de movimento como forma de aprendizagem pré-reflexiva.

A noção de que o corpo atua como uma forma de conhecimento pré-reflexivo é baseada primeiramente na noção de Merleau-Ponty (1962) sobre *corpo-fenomenal ou corpo vivido*, entendido como o corpo que nós experimentamos e entramos em relação com o mundo. Esta idéia sugere um reposicionamento do dualismo cartesiano entre corpo e mente, e propõe uma noção de corpo como sujeito de conhecimento e interação com o mundo; o corpo é o sujeito da percepção e não o objeto dela.

No pensamento cartesiano o corpo é distanciado do processo de racionalização e conceituação. Em oposição a esse dualismo, a idéia central da fenomenologia da percepção (Merleau-Ponty, 1962) é que o corpo ocupa um papel essencial no pensamento racional. Juntunen e Hyvonen (2004) discutem que o processamento inte-

lectual pode emergir de experiências corporais a um nível pré-reflexivo; desta forma, o corpo ocupa um modo de saber. Para Merleau-Ponty existe uma consciência motora, uma consciência perceptiva que pode ser entendida como o movimento da existência pelo qual habitamos e somos no mundo. A forma como percebemos o mundo está relacionada com a forma como experimentamos e percebemos o mundo em nossos próprios corpos. Está relacionada com as nossas experiências corporais constituintes da noção individual do corpo próprio; desta forma, está relacionado com a nossa corporeidade.

Em Fenomenologia da Percepção (Merleau-Ponty, 1962), o termo *embodiment* é examinado através das noções de *corpo objetivo* e de *corpo fenomenal*. Para Merleau-Ponty não é o nosso *corpo objetivo* que movimentamos, mas o nosso *corpo fenomenal*. Portanto, qual seria a diferença entre estes conceitos?

Para Merleau-Ponty, *corpo objetivo* refere-se às capacidades fisiológicas e físicas do corpo. Utiliza a noção de esquema corporal para que se possa compreender como as partes do corpo são envolvidas em determinada ação, portanto como o *corpo objetivo* interage com o *corpo fenomenal* na intencionalidade de uma ação. A noção de esquema corporal exprime que corpo e mundo formam um sistema prático. Através da ação o corpo pode retomar o espaço e o tempo e realizar a sua espacialidade própria. Nesse sentido, o termo *corpo objetivo* pode ser correlacionado com o conceito de esquema corporal apresentado na tabela 1 abaixo.

Por outro lado, *corpo fenomenal* recorre ao corpo enfocando como a pessoa experimenta seu próprio corpo - *corpo-vivido*, como a consciência do corpo próprio se estabelece. Nesse sentido, essa noção pode ser correlacionada com o termo imagem corporal.

Merleau-Ponty não distingue explicitamente esquema corporal de imagem corporal em sua obra, porque ele considera ambos os elementos como parte do mesmo sistema e diretamente interconectado com as experiências vividas do corpo. Ambos os conceitos estão interligados na noção de *corpo fenomenal* ou *corpo vivido*.

Entretanto, antes de continuarmos a discussão sobre corpo objetivo e corpo fenomenal, me parece necessário revisitar pontos de distinção entre os conceitos *esquema e imagem corporal* (descritos na tabela 1), visto que ambos são importantes para entender a dinâmica da experiência do movimento corporal e sua forma de interação com os outros e os objetos.

O sinergismo entre os dois conceitos pode ser entendido da seguinte forma: quando um indivíduo propõe uma atitude intencional no seu próprio corpo, esta envolve a percepção de algo, uma convicção sobre ou uma atitude emocional ligada às suas experiências vividas (imagem corporal). Ao mesmo tempo, para ajustar esta atitude intencional, o esquema corporal precisa regular o movimento corporal para permitir que esta intenção aconteça. O sinergismo entre ambos os elementos é essencial na incorporação da experiência, na manifestação da corporeidade do indivíduo.

Essa discussão parece interessante para os *terapeutas de orientação corporal* na medida em que o corpo físico e o emocional estão intrinsecamente interligados na relação terapêutica e no processo de intervenção. Outro ponto interessante é o fato de que o esquema e a imagem corporal são constituídos e manifestados através da noção de *corpo fenomenal* ou *corpo vivido*.

Esquema corporal	Imagem do corpo
<ul style="list-style-type: none"> ■ Sistema sensorio-motor responsável pela regulação da postura e do movimento. Age sem consciência refletiva. (Gallager; 1995) ■ Domínio do corpo de forma a utilizá-lo para alcançar um maior poder cognitivo ■ Domínio do gesto e do instrumento que implica em equilíbrio entre as forças musculares ■ Domínio de coordenação motora global 	<ul style="list-style-type: none"> ■ Sistemas corporais de percepção, de atitudes e de convicções próprios de cada indivíduo. <ul style="list-style-type: none"> ■ Envolve a forma como indivíduos criam referências do seu EU e como essas referências moldam as suas intenções. ■ Essas intenções podem estar conectadas com a forma perceptiva com que indivíduos experimentam ou entendem conceitualmente seus próprios corpos. ■ Também pode estar conectado com as atitudes emocionais dos indivíduos para com seus próprios corpos. (Gallager; 1995) ■ Referência do indivíduo sobre o seu corpo baseado na experiência psicológica. ■ Baseada em um conjunto de convicções sobre o corpo influenciado pela idealização cultural e pelas atitudes sociais. ■ Indicadora das formas de relação e auxilia o indivíduo a definir sua identidade no mundo externo (Fisher e Cleveland; 1968)

Tabela 1: Características do esquema corporal e da imagem do corpo segundo alguns autores

Merleau-Ponty (1962-1964) considera o corpo como agente ativo da percepção do indivíduo e não como um receptor passivo da experiência. Isto coloca o corpo como um sujeito; nesse sentido, nosso corpo constrói nossa subjetividade e é considerado como a base para nosso ser-no-mundo.

O *corpo-vivido* é o sujeito da ação na qual os indivíduos dialogam com o mundo objetivo, com a consciência, com o mundo interno e externo. O *corpo-vivido* é o meio pelo qual nossas percepções e intenções têm uma forma no espaço e no tempo e pelo qual nossa consciência pode ser constantemente atualizada. O *corpo vivido* revela como as pessoas vêem o mundo e interagem com ele.

A noção de *corpo-vivido* é relevante para a Prática Reflexiva pelo Movimento, já que esta abordagem encoraja os participantes a «viver» os seus próprios corpos como um recurso e/ou como agentes no desenvolvimento e na consciência de seu conhecimento pessoal-prático. Por «viver» os próprios corpos quero dizer entrelaçar o esquema corporal e a imagem corporal para promover a experiência de *embodiment* (como esboçado na figura 2).

A idéia do *corpo-vivido* é desdobrada por Morris (2004) através da discussão do conceito «*esquema perceptivo do movimento*». Morris (2004) repensa a concepção de Merleau-Ponty sobre esquema corporal, reabrindo uma discussão fenomenológica. Ele argumenta que o movimento é a sustentação do esquema corporal e dá um sentido à percepção. Morris não entende o esquema corporal como uma «posse do sujeito», mas como um veículo que facilita o intercâmbio entre corpo e mundo (2004; 53). Neste sentido, ele descreve esquema corporal como constituído

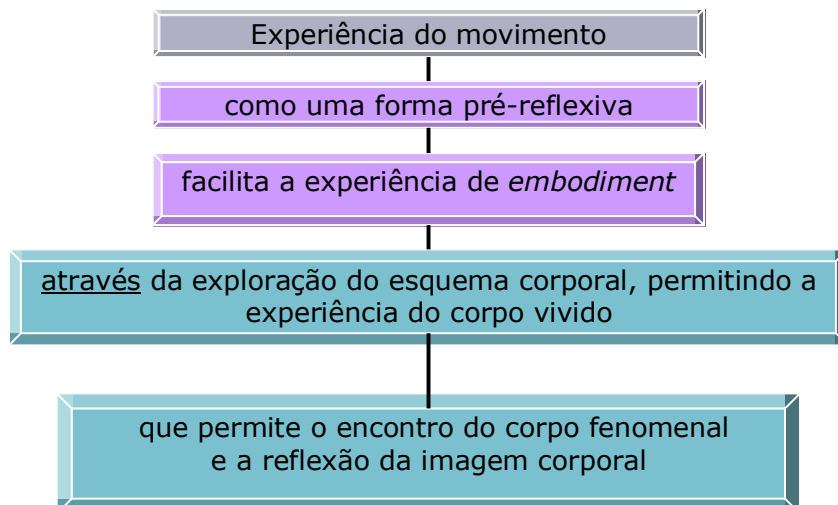


Figura 2: Experiência do movimento como uma forma de manifestação da corporeidade

e manifestado em movimento; assim, ao invés de esquema corporal, ele re-nomeia o conceito como *esquema do movimento*.

Considerando que a natureza do trabalho em Dance Movement Therapy envolve o uso do movimento como um mediador para o processo criativo, o uso desta forma de entendimento sobre o esquema corporal me parece mais coerente e abrangente. Em meu entendimento, essa troca conceitual acrescenta uma perspectiva dinâmica ao conceito, incorpora características da imagem corporal e apresenta o corpo em uma ação pré-reflexiva na aquisição do conhecimento.

Morris coloca que cada pessoa tem um estilo diferente de movimentar-se. Esse estilo de movimento está conectado com o modo como cada pessoa percebe o mundo; assim o *esquema do movimento* é baseado em como as pessoas percebem experiências anteriores «agindo sobre o seu movimento corporal atual» (2004; 49).

Isso enfatiza que o *esquema perceptivo do movimento* está relacionado ao estilo corporal de olhar para o mundo. Nesse sentido, se considerarmos o conceito de Morris, *esquema perceptivo do movimento*, podemos reconhecer que o movimento dos indivíduos está relacionado com o modo como percebem e interagem com o mundo; envolvendo, assim, ambos os conceitos de esquema e imagem corporal.

Morris defende a idéia de que é *através* do nosso *esquema perceptivo do movimento* que as nossas percepções surgem. Merleau-Ponty (1964; 25) descreve a experiência de percepção como «nossa presença no momento quando coisas, verdades e valores são constituídos por nós». Ele afirma que a percepção pode nos ensinar novas perspectivas diante de situações, demolindo dogmatismos, conduzindo-nos ao conhecimento e à ação. Sendo assim, explorar, através de nosso corpo, como entramos em relação com nossos sistemas de valores e convicções, é uma forma de desdobrar o nosso *esquema perceptivo do movimento*.

A percepção é aqui entendida como uma forma de *embodiment* na qual os participantes podem projetar suas visões de mundo. As formas como os participantes usam e desdobram seu *esquema perceptivo do movimento* retratariam as suas

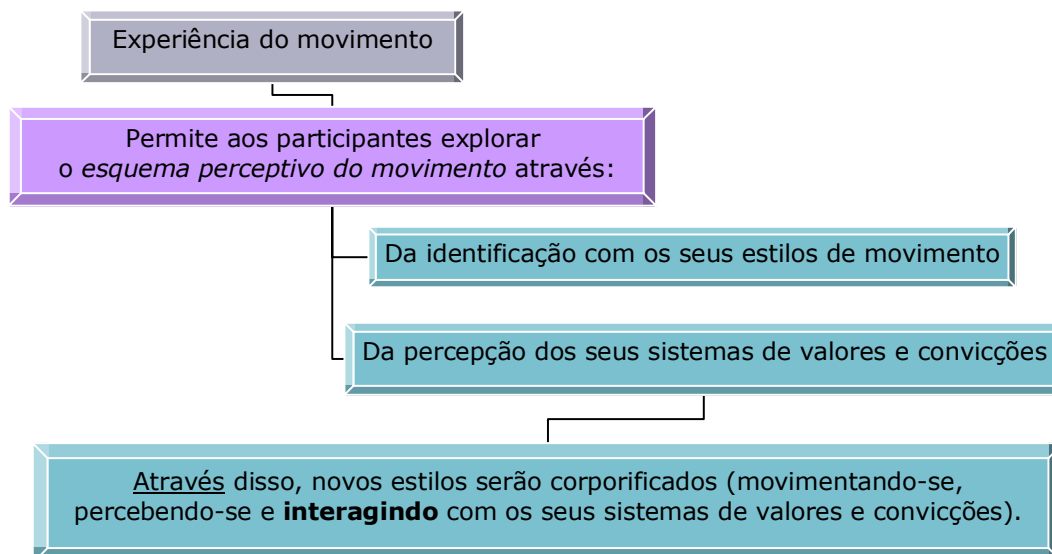


Figura 3: Experiência de movimento como um veículo para promover o desdobramento do esquema perceptivo do movimento

convicções e valores. Explorando esta forma, eles trariam esses valores e convicções à consciência.

Neste sentido, enquanto os modos subjetivos de perceber e estar em relação com os outros e objetos ao seu redor permanecem no nível sensitivo ou emotivo da experiência, a experiência de movimento é considerada como uma forma de saber pré-refletivo. Isto quer dizer que o conhecimento pode ser gerado pela observação do movimento e a consciência cinestésica de suas sensações (Juntunen e Hyvonen; 2004).

Isso enfatiza o papel que o *esquema perceptivo do movimento* tem no redescobrimto do conhecimento pessoal-prático do profissional, e também realça a importância do processo intelectual sobre a experiência vivida. Sendo assim, se faz necessário que a cada experiência de movimento haja um espaço para reflexão da experiência vivida; desta forma, o conhecimento intelectual pode ser apropriado através do conhecimento corporal.

Voltando ao objetivo deste artigo, compreendo que instigar o desdobramento do *esquema perceptivo do movimento dos terapeutas de orientação corporal* é um passo importante para encorajá-los a refletir sobre os valores e convicções implícitas nas suas ações clínicas. Nessa ótica, um elemento essencial para os terapeutas de orientação corporal é a importância de que nossa racionalidade técnica seja vivenciada e refletida através de nosso próprio corpo. Como este processo se estabelece na experiência do movimento?

II - Experiência do movimento interno.

A Prática Reflexiva pelo Movimento propõe a experiência do movimento em duas fases não lineares (apresentadas na figura 4). A primeira fase é fundamentada no sistema de análise do movimento corpo/espaco/esforço de Bartenieff (Hackney;

2002) como uma técnica para facilitar experiências de movimento; e a segunda fase, nos estudos sobre Authentic Movement (Adler; 2002).

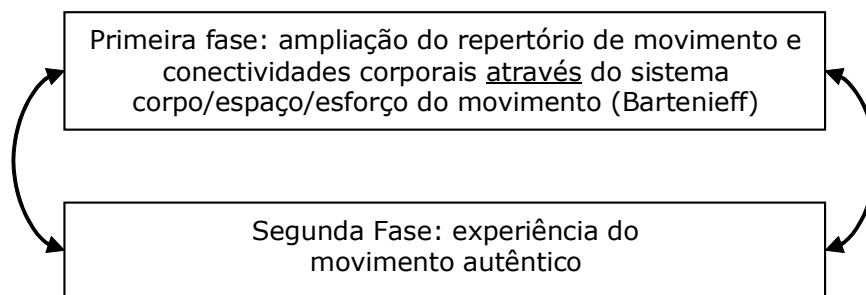


Figura 4: Fases da experiência do movimento na Prática Reflexiva pelo Movimento

Pressupostos envolvidos na primeira fase

Para Bartenieff, o movimento traz acesso ao conhecimento e é uma chave para o desenvolvimento da percepção (Hackney; 2002). O sistema de corpo/espaco/esforço é um modo de expressividade em desenvolvimento. É um sistema que também oferece ferramentas para entender e observar como os indivíduos criam combinações únicas entre elementos do movimento e revelam seus estilos culturais através deles.

De acordo com Bartenieff, é através do nosso processo de movimentar-nos que nós criamos nossa existência encarnada e percebemos as conexões dos nossos padrões corporais (Hackney; 2002, 13). Nossa conectividade corporal informa nossos modelos de relação com o mundo.

Em minha visão, essa idéia se articula com a noção fenomenológica sobre o corpo como uma forma de apropriação do conhecimento. Os estudos de Bartenieff são relevantes para a Prática Reflexiva pelo Movimento, à medida que seus estudos nos informam sobre o modo como a experiência do movimento é facilitada. Sendo assim, seus estudos são utilizados nesta abordagem como uma técnica de facilitação para a pesquisa *do e através* do movimento. A Tabela 2 exemplifica como este sistema de análise do movimento informa minha prática como facilitadora.

Pressupostos envolvidos na segunda fase

Authentic Movement (AM) é uma prática de movimento desenvolvida pela relação entre *witnesses*⁷ e *movers*⁸. Os participantes em AM estão comprometidos em um processo experiencial para aprofundar percepções sobre seus padrões de movimento, suas preferências e suas dinâmicas.

O objetivo principal desta prática é desenvolver na pessoa que move a capacidade de auto-observação e reflexão sobre o seu próprio processo em movimento. Esta habilidade é chamada de *internal witnesses*, ou seja, as habilidades de aprender a testemunhar os seus próprios materiais inconscientes manifestados pela forma do movimento (Adlers; 1987; 145).

De acordo com Adler (1987), Whitehouse (1979) e Chadorow (1984), *internal witness* é desenvolvido pelas experiências dos participantes em serem movidos e moverem-se na presença *witnesses*

Partes do corpo	<p>Observando e estabelecendo conexões com seu corpo:</p> <ul style="list-style-type: none"> ••• Como você está a cada momento. ••• O que o contato com seu corpo lhe fala. ••• Como você está sentindo: partes do corpo, seus níveis de tensão, seus níveis de energia. ••• Qual movimento você precisa realizar para estar presente em seu próprio corpo, estar conectado com seu corpo. ••• Onde você inicia seu movimento a cada momento ••• O que você precisa fazer para conectar suas partes de corpo
Espaço	<ul style="list-style-type: none"> ••• Experimentando o espaço pessoal ••• Explorando planos e dimensões espaciais ••• Espaço interno & espaço externo ••• Explorando o espaço em relação com o outro
Esforços	<p>Desenvolvendo qualidades e vocabulários de movimento observando:</p> <ul style="list-style-type: none"> ••• Como você move seu corpo; tempo, peso, a direção de seu movimento. ••• Como você mantém seu corpo em movimento. ••• De que modo você experimenta o espaço ••• Seu ritmo interno. ••• Suas ações de corpo.
Forma corporal	<ul style="list-style-type: none"> ••• Quais são as formas que seu corpo faz ••• Como sua forma corporal muda na relação com os outros, como você se sente neste momento. ••• Qual é a qualidade da sua forma corporal
Relação	<p>Dialogando em movimento com um parceiro</p> <ul style="list-style-type: none"> ••• Observe a frase que seu movimento cria através de repetições e acentuações em determinados movimentos ••• Como você cria um diálogo de movimento com você e com outro ••• Como as ressonâncias de movimento do outro o afetam ••• Qual movimento o atrai para segui-lo, qual o repudia. ••• O que este contato com os outros fala a você ou sobre você

Tabela 2: Facilitação da experiência de movimento através do sistema de movimento corpo/espaco/esforço

«Serem movidos» é um termo usado na disciplina de *Autentic Movement* que descreve o momento no qual o indivíduo que se move deixa que o controle do seu corpo físico se sobreponha ao seu *eu*, tornando assim o movimento genuíno e pertencente ao indivíduo. É um momento que não pode ser explicado, não pode ser repetido exatamente, e permanece em um nível perceptivo (Adler 2002; Whitehouse 1995).

Esta técnica foi desenvolvida como uma forma de facilitar a aprendizagem refletiva pelo movimento e como um modo de aprender a movimentar-se, seguindo os impulsos internos. Os participantes são encorajados a explorar o seu *esquema perceptivo do movimento* para se ocupar da experiência de *serem movidos*. Nesse sentido, os participantes se tornariam mais receptivos e perceptivos do seu movimento interno, das suas sensações corporais e conscientes dos seus próprios re-

curso internos. Como resultado, os participantes podem experimentar sensações e sentimentos mais amplos no ambiente e são capazes de usar as suas próprias percepções como um recurso na reflexão. Como o processamento intelectual é desenvolvido na *Prática Reflexiva pelo Movimento*?

III - Reflexão da experiência do movimento através do ensino prático-reflexivo e do conhecimento *presentational*

Para desenvolver a idéia do processamento intelectual sobre a experiência do movimento, apresentarei algumas idéias de Schon (1987; 1991) acerca de sua teoria sobre o ensino prático reflexivo; mais especificamente, os conceitos sobre «*refletindo em e sobre a ação*» e «*conversas reflexivas*».

Conversas reflexivas é a base onde todos os diálogos acontecem na *Prática Reflexiva pelo Movimento*. *Conversas reflexivas* são desenvolvidas antes e depois de cada experiência de movimento. Ghaye e Lillyman (2000) descrevem *conversas reflexivas* como um modo de expressar idéias em um tipo particular de cooperação e diálogo criativo que envolve questionamento de metas e valores. É uma ferramenta central no processo de reflexão sobre a prática. Também é uma ferramenta essencial para desconstruir e transformar significados que indivíduos desenvolvem nas suas práticas clínicas.

De acordo com Schon (1991) as *conversas reflexivas* se baseiam nos conceitos «*reflexão em e sobre a ação*» (caracterizados na tabela 3 abaixo). Esses conceitos podem alimentar estruturas fundamentais na investigação clínica do profissional.

Através desta forma reflexiva os participantes podem identificar conhecimentos tácitos repetido nas suas experiências. Eles podem questionar o modo no qual estão usando técnicas, abordagens e conceitos e refletir sobre:

	Reflexão em ação	Reflexão sobre a ação
Definição	<p>Pensando em fazer algo ao mesmo tempo em que executa a ação de fato (Ghaye; 2000; 47).</p> <p>Refere-se a uma habilidade reflexiva intuitiva adaptada de momento a momento (Bleakley; 1999).</p> <p>Focaliza nas ações propriamente ditas e no conhecimento intuitivo implícito nas ações (Schon; 1987).</p>	<p>Refere-se ao processo de significação da ação depois que esta foi vivenciada.</p> <p>Refere-se a um processo retrospectivo que envolve repensar as ações de uma posição distanciada. (Bleakley; 1999).</p>
Finalidade	<p>Permite aos terapeutas usar experiências prévias como uma ferramenta de aprendizagem em outras situações.</p> <p>Permite aos terapeutas ampliar o seu repertório e compor novas variações ao invés de aplicar regras gerais (Schon, 1991).</p>	<p>Permite que perspectivas conceituais sejam mudadas (Schon, 1991).</p>

Tabela 3: Características dos conceitos de Schon sobre reflexão em e sobre a ação

- Normas tácitas e avaliações que sublinham julgamentos nas suas práticas.
- Estratégias e teorias implícitas nos seus padrões de ação.
- Sentimentos que os levaram a adotar um curso particular de ação em determinadas situações.
- Trabalhar em zonas indeterminadas da prática.
- Formas nas quais problemas e suas resoluções se estabeleceram.

Seguindo essa linha de pensamento, os participantes da *Prática Reflexiva pelo Movimento* são envolvidos em conversas reflexivas na quais situações vividas durante as experiências de movimento são processadas racionalmente através do uso de artefatos como o desenho, cartões postais, pequenos objetos e argila. Este processo permite ativar novas reflexões sobre sua prática, e instigar a experimentação de novas formas de explorar o *esquema perceptivo do movimento*.

Uso de artefatos na representação da experiência do movimento

O uso de artefatos como «símbolos visuais não-lingüísticos» é um modo estético de representar a experiência do movimento; e é considerado como uma forma de conhecimento *presentational*⁹ (caracterizado na tabela 4 abaixo).

"Nesta forma de aquisição do conhecimento, arte é um modo de conhecimento".
Representa a criação de imagens para simbolizar padrões pessoais de percepção do mundo <u>através</u> da criação de padrões perceptivos de elementos em movimento, de som, de cores, de formas e de linhas.
Inclui todas as artes plásticas, música, dança, movimento e mímica; todos eles envolvendo contar uma estória.
A comunicação é usada para evocar, revelar ou retratar imaginariamente os padrões perceptivos pessoais.

Tabela 4: Conhecimento *presentational* (Heron; 1992: 2000)

O uso de artefatos na facilitação de processos criativos e reflexivos sobre a prática clínica e o seu papel como agente do conhecimento *presentational* é discutido através dos conceitos de Parker e Best (2000; 2001; 2002) sobre «*shifts in positioning*» e «*interactional shaping*».

Interactional shaping e *Shifts in positioning* são componentes de uma abordagem em *Dance Movement Therapy* chamada *Co-criative and Relacional approach*¹⁰ (Parker e Best 2006, Best 2000; 2001; 2002), na qual realizei a minha formação.

Best (2000; 34) descreve *Interactional Shaping* como um fenômeno no qual «a relação entre partes de si mesmo, entre contextos expressivos e entre o eu e o outro no ambiente» são envolvidos. É um fenômeno que se refere à forma como indivíduos amoldam suas experiências em relação aos outros, a cada momento. A convicção por detrás desse conceito é que significados são co-criados, momento a momento, *em* e *entre* relações interpessoais mutuamente influenciadas.

Best discute que *Interactional shaping* chama a atenção do observador «para a co-criação fluida de realidades entre os indivíduos e sistemas pela interação de corpos em movimento no espaço» (2002; 57). Então, a noção de realidade é construída por aqueles que a experimentam.

Shifts in positioning refere-se à idéia de experimentar diferentes posicionamentos e perspectivas através de trocas entre modalidades criativas e papéis (Parker e Best; 2006). Best (2002) argumenta que as trocas facilitam a externalização, incorporação e compreensão de materiais que estão implícitos no nosso conhecimento tácito.

A troca de papéis pode ser estabelecida entre três posições¹¹ :

1. *Primeira posição*: descrição e percepção da realidade através da sua própria experiência
2. *Segunda posição*: reflexão sobre a realidade, se colocando no ponto de vista do outro
3. *Terceira posição*: reflexão sobre a realidade de uma forma distanciada da sua própria leitura da realidade; projetar a realidade em uma terceira posição.

A troca entre modalidades criativas é referente ao uso simultâneo do movimento e artefatos (imagens, desenhos, pequenos objetos e argila) para promover a troca entre as posições apresentadas acima. Por exemplo, conversas reflexivas entre participantes podem ser estabelecidas através da reflexão sobre um desenho, onde cada participante pode experimentar refletir sobre este desenho em diferentes posições; ou participantes podem iniciar uma experiência do movimento através de uma imagem.

Seguindo essa linha de pensamento, o conceito *shifts in positioning*, usado nas modalidades criativas, pode ser um modo para materializar a forma como indivíduos usam seus próprios corpos em relação com os outros e com os objetos. Pode informar o significado da realidade experienciada através do *esquema perceptivo do movimento*. Pode informar como os terapeutas percebem seus próprios corpos como agentes do conhecimento.

Além de apoiar a criação de significados da experiência vivida, os participantes desta prática poderiam refletir em uma perspectiva diferente ao olhar para os seus desenhos em uma outra posição. Isto promoveria mudanças nos seus posicionamentos perceptivos. Nesse sentido, facilitaria as suas reflexões em «saber como» eles desenvolvem as suas práticas clínicas e os valores intrínsecos nelas.

3- Conclusão

O objetivo deste texto foi discutir os pressupostos teóricos de um modelo de abordagem corporal baseado no aprendizado através da experiência própria do *corpo vivido*, enfatizando a necessidade do trabalho pessoal corporal na formação e no desenvolvimento profissional dos terapeutas de orientação corporal. Acredito que o trabalho pessoal possibilita aos terapeutas terem maior consciência das próprias questões relacionadas à sua corporeidade envolvidas na relação com o cliente. Sendo assim, esta consciência pode ampliar o entendimento dos aspectos subjetivos envolvidos na relação terapêutica.

A Prática Reflexiva pelo Movimento discute o uso da linguagem corporal e do movimento como uma forma de aprendizagem experiencial, ou seja, baseado na experiência. Ela enfoca e encoraja os terapeutas de orientação corporal a desenvolver suas habilidades de reflexão e conhecimento através do seu *corpo próprio*, tornan-

do-se assim profissionais perceptivos e receptivos aos seus próprios processos, desenvolvendo o *internal witnesses* e usando os seus *esquemas perceptivos do movimento* para entrar em relação com os outros e com o meio. Esse processo reflexivo facilita a exploração do *corpo próprio* como uma fonte de aprendizagem, e a experiência do movimento como forma de reflexão sobre a prática clínica. Desse modo, o movimento seria usado como uma forma experiencial de aprendizagem.

NOTAS:

¹ Posiciono-me como *terapeuta de orientação corporal* porque este trabalho envolve experiências como fisioterapeuta, psicomotricista e psicoterapeuta pelo movimento e pela dança. Acredito que os conhecimentos destas áreas de formação agem de forma transversal e interdisciplinar em minha prática clínica e educacional. Utilizo também este termo como forma de me referir a todos os terapeutas que utilizam o corpo como forma de mediação e intervenção terapêutica; mais especificamente, refiro-me às minhas experiências na formação de fisioterapeutas e psicomotricistas.

² Vera Mattos (2005) conceitua o *corpo próprio* como aquele do qual nos apropriamos, o corpo marcado pela nossa subjetividade, pela forma como sentimos, percebemos e criamos representações simbólicas do mundo ao nosso redor.

³ Minha opção em manter *Dance Movement Therapy (DMT)* na sua língua original é baseada na idéia de que a tradução *Dançaterapia* não envolve a palavra movimento, que é de extrema relevância para esta abordagem corporal. Eu traduziria DMT como uma forma de psicoterapia que utiliza o movimento e a dança expressiva/ espontânea como meio de desenvolvimento do processo criativo estabelecido na relação terapêutica.

⁴ *Prática Reflexiva pelo Movimento* é uma abordagem corporal que proponho, objetivando ampliar o desenvolvimento profissional do terapeuta corporal. Este modelo é resultante da minha pesquisa de Mestrado em *Dance Movement Therapy*; portanto esta metodologia de trabalho tem como referência as minhas experiências teóricas e práticas durante o meu processo de formação em *Dance Movement Therapy* (University of Surrey – Roehampton – Londres).

⁵ O termo *desconstrução* é usado pelas teorias socioconstrutivistas e refere-se à ação reflexiva e analítica do sujeito em questionar suas formas conceituais de conhecimento. O termo nega a idéia de que há apenas um significado objetivo sobre um conhecimento, abrindo espaço para uma interpretação criativa e subjetiva baseada no contexto em que o conhecimento é adquirido.

⁶ De acordo com o Dicionário Filosófico de Cambridge (Audi; 1999), *embodiment* refere-se aos aspectos corporais da subjetividade humana e pode ser entendido como um fenômeno pré-discursivo no qual o corpo ocupa um importante papel na percepção e interação com o mundo ao redor (Weiss e Haper; 1999).

⁷ *Witness* refere-se ao papel de presenciar a ação da pessoa que move (movers). O facilitador e/ou terapeuta ocupam este papel até o momento em que o indivíduo já internalizou uma certa consciência do seu próprio processo. Este momento, nesta metodologia, é chamado de *internal witness*.

⁸ *Movers* refere-se ao indivíduo que se engaja no processo do movimento: aquele que se movimenta na presença do outro.

⁹ Termo em inglês relacionado com formas de aprendizado através da arte.

¹⁰ *Co-creative and relational approach* é uma abordagem baseada nas idéias das teorias sistêmicas e socioconstrutivistas, onde o aprendizado se estabelece nas relações interpessoais e na co-construção de conceitos, idéias através de ações, imagens e metáforas. O principal objetivo dessa abordagem é desenvolver o potencial crítico e reflexivo do participante. Esta formação em Dance Movement Therapy pode ser realizada na Universidade de Surrey – Roehampton (Londres). Maiores informações podem ser obtidas em www.roehampton.ac.uk

¹¹ Estas três posições são apresentadas pelos estudos da NLP (Neuro-linguistic Programme)

BIBLIOGRAFÍA:

Adler, J (1987). «Who is the Witness? A description of authentic movement», in Pallaro, *Authentic movement – Essays by Mary Starks Whitehouse, Janet Adler and Joan Chodorow*, London: Jessica Kingsley

Adler, J (2002). *Offering from the conscious body: the discipline of authentic movement*, Rochester: Inner Traditions.

Audi, R. (1999). *The Cambridge Dictionary of Philosophy*, Second Edition. Cambridge: Cambridge University Press.

Bartenieff, I and Lewis, D. (1993). *Body Movement – Coping with the environment*. USA: Gordon and Breach Science Publishers.

Best, P. (2002). 'Interactional Shaping within Therapeutic Encounters: Three Dimensional Dialogues', *USA Body Psychotherapy Journal* 2, no. 1, 26-44.

Best, P. (2001). 'Therapists' stories in motion: mutual influences between client and therapist' in Kossolapow, L. and Scoble, S. and Waller, D. eds *Arts Therapies Communication – on way to communicate European Arts Therapy – Vol 1*, 265-273. Munster: Lit.

Best, P. (2000). 'Theoretical diversity and clinical collaboration reflections by a dance movement therapist', *The arts of psychotherapy*, 27, no. 3, 197-211.

Chodorow, Joan (1984). «To Move and Be Moved», in Pallaro, P. *Authentic movement – Essays by Mary Starks Whitehouse, Janet Adler and Joan Chodorow*, London: Jessica Kingsley.

Chodorow, Joan (1995). 'Body, Psyche and Emotions'. *In American Journal of Dance Therapy*, Vol 17, No 2.

Csordas, T (1999). 'Body and Cultural Phenomenology in Weiss, G. and Haber, H., eds. *Perspectives on Embodiment*, London: Routledge.

Fisher, S. & Cleveland, S. (1968). *Body image and personality*. New York: Van Nostrand.

Gallagher, S. and Meltzoff, A (1996). 'The earliest sense of self and other: Merleau-Ponty and recent developmental studies' *Philosophical Psychology* 9; 213-236.

Gallagher, S and Cole, J. (1995). 'Body Schema and Body Image in a Deafferented Subject' *Journal of mind and behavior* 16; 369-390.

- Gallagher, S. (1995). Body schema and intentionality. In J. L. Bermudez, A. Marcel & N. Eilan (Eds.), *The body and the self* (pp. 225–244). Cambridge, MA: The MIT Press.
- Ghaye, T and Lillyman, S (2004). *Reflection: principles and practice for healthcare professionals*, Wiltshire: Quay Books.
- Hackney, P (2002). *Making connections: total body integration through Bartenieff fundamentals*. New York: Routledge
- Heron, J (1992). *Feeling and Personhood: Psychology another key*. London: Sage
- Heron, J (2000). *The complete facilitator's handbook*. London: Kogan Page.
- Koren, Bat-Sheva (1992). Movement Experience in teacher education: re-call the body', *unpublished doctoral dissertation*, University of Toronto.
- Koren, Bat-Sheva (1994). 'The concept of Body Knowledge and an evolving model of movement experience: implications and application for curriculum and teacher education', *American Journal Of Dance Therapy*, 16, no. 1, 21 -47.
- Koren, Bat-Sheva (2003). 'Movement Experience (ME): a context of inquiry for professional development', *Humanistic Psychologist* 31, no.1, 43-73.
- Merleau-Ponty, M (1964). *The primacy of perception*. Evanston: Northwestern University Press.
- Merleau-Ponty, M (1962). *The Phenomenology of perception*. London: Routledge & Kegan Paul.
- Mattos, V (2005). Quando a tensão escapa pelo corpo in *Revista Iberoamericana de Psicomotricidad e Técnicas Corporales*, vol 17: 69 -74.
- Morris, D (2004). *The sense of Space*. Albany: State University of New York Press.
- Parker, P. and Best, P. (forthcoming 2006). 'Reflecting Process in Action: practical theory for Dance movement Therapist' in Payne, H. eds, *Book on DMT research*.
- Pallaro, P. (1996). 'Self and Body-self: Dance Movement Therapy and The development of Object Relations', in *Journal of the Arts In Psychotherapy*. Vol 23, No 2, pp 113-119. Pergamon.
- Schon, D. A. (1991). *The reflective practitioner: how professionals think in action*, Aldershot: Ashgate Arena (First published 1983)
- Schon, D. A. (1987). *Educating the reflective practitioner*, San Francisco: Jossey-Bass Publishers
- Weiss, G. and Haber, H., (1999). *Perspectives on Embodiment*, London: Routledge
- Whitehouse, M (1979). C.G.Jung and Dance Therapy- Two major principles, in Pallaro, P. *Authentic movement – Essays by Mary Starks Whitehouse, Janet Adler and Joan Chodorow*, London: Jessica Kingsley
- Whitehouse, M (1995). The Tao of the body in Johnson, D.H. eds *Bone, Breath & Gesture: practices of embodiment*. California: North Atlantic Books.

RESUMO:

Este artigo apresenta um modelo de investigação corporal através do movimento chamado Prática Reflexiva pelo Movimento. Discute os pressupostos teóricos que informam esta prática e discute a importância do terapeuta de orientação corporal usar o *corpo próprio* como um recurso no conhecimento pessoal-prático da sua atuação clínica.

PALAVRAS-CHAVES:

Dança-terapia, Prática Reflexiva pelo Movimento, Corpo fenomenal, corpo vivido, esquema perceptivo do movimento, apropriação do corpo próprio, movimento autêntico, desenvolvimento profissional e conhecimento pessoal-prático.

ABSTRACT:

The article presents a movement inquiry approach named Reflective Movement Practice as a tool to develop personal-practical knowledge for body-oriented therapists. The article discusses the theoretical constructs that inform this practice and discuss the importance of body-oriented therapists to use their own body as a resource in their practical thinking.

KEY-WORDS:

Dance Movement Therapy, Reflective Movement Practice, Phenomenal body, lived body, moving schema of perception, embodiment, authentic movement, professional development and personal-practical knowledge.

DADOS SOBRE A AUTORA:

Maria Luisa Inguaggiato – Fisioterapeuta, Psicomotricista Relacional, Psicomotricista titular pela *Sociedade Brasileira de Psicomotricidade*, Terapeuta de investigação corporal e Dance Movement Therapist formada pela *University of Surrey - Roehampton (Londres)*, onde está em fase final de conclusão de mestrado. Membro da *Association for Dance Movement Therapy U.K.*

E-mail para contato: ml_inguaggiato@hotmail.com